

Uma trajetória de amor e luta: Carol Dartora fala aos Cadernos de Gênero e Tecnologia

RESUMO

Andressa Ignácio da Silva
E-mail: andressaignacio@gmail.com
Universidade Tecnológica
Federal do Paraná, Curitiba, PR,
Brasil

Andrea Maila Voss Kominek
E-mail: akominek@utfpr.edu.br
Universidade Tecnológica
Federal do Paraná, Curitiba, PR,
Brasil

Ana Carolina Moura Melo Dartora, conhecida como Carol Dartora, possui Bacharelado em História, Especialização em Ensino de Filosofia e Mestrado em Educação. Iniciou seu Doutorado em Tecnologia Sociedade, atualmente suspenso, em função de sua atuação política. Foi a primeira mulher negra a ser eleita Vereadora pela Câmara de Curitiba. Em 2022, a primeira mulher negra a eleita Deputada Federal pelo estado do Paraná. Nesta entrevista, gentilmente concedida à distância, ao Cadernos de Gênero, em conversa com Andressa Ignácio da Silva¹, direto de seu gabinete em Brasília, nos fala um pouco da sua trajetória familiar e escolar e de como estas experiências influenciaram sua atuação como professora, historiadora e sindicalista e em atuação no Partido dos Trabalhadores.

CGT - Nós, do Cadernos de Gênero gostaríamos de iniciar agradecendo a sua disponibilidade em conceder esta entrevista e dizer o quanto sua participação nos honra. Para começar, você poderia falar um pouco sobre a sua trajetória, sua vida? Como foi a trajetória dessa criança negra, adolescente negra que se torna essa mulher preta, de reconhecido sucesso e que vem construindo uma bela e rápida carreira na política?

Carol Dartora: Primeiro, quero dizer que estou muito feliz, muito honrada mesmo, de vocês terem pensado em mim para esta entrevista. Fico muito feliz, enfim, por tudo o que significa, por ter feito parte em determinado momento desse programa, pelas... por quem você é, pela mulher negra que você é, pela trajetória também e construção nessa luta antirracista em Curitiba da professora Andréa². Então, por tudo isso, eu me sinto extremamente honrada, eu estou muito feliz por dar essa entrevista, por ter sido lembrada por vocês, pensada como uma pessoa a ser entrevistada. Então, eu estou muito feliz. E eu já falei em vários lugares, principalmente nesse último período, que eu estou fazendo uma imersão, assim, em bell hooks, estou relendo várias coisas dela. E, nesse exato momento, eu estou lendo o Erga Sua Voz. E é engraçado porque com o Erga Sua Voz, a hooks, está me fazendo recontar minha história porque eu sou uma mulher preta, que vem de uma família preta pobre, meu pai motorista; minha mãe professora de magistério. Lutaram muito para que a gente estudasse, tivesse os mínimos acessos na cidade de Curitiba, que é uma cidade muito difícil, com racismo estrutural muito difícil. Então, quem é preto em Curitiba sabe o que estou falando. Vive este cotidiano.

Eu conto para as pessoas que eu só fui ter uma carteira assinada na cidade de Curitiba com 27 anos. Não que eu não quisesse trabalhar. Não é que eu não quisesse ter um emprego formal. Não significa que eu não batalhei muito para isso acontecer: é que são muitas barreiras mesmo! A gente tem as portas do mercado de trabalho fechadas em decorrência do racismo e do machismo. É bem assim mesmo. Então, geralmente, eu falo dessa história, mas, agora, relendo bell hooks, começo a ver outros elementos da minha história, pensando na história de mulheres pretas mesmo. Então, eu estou recontando essa minha história e vendo que a minha trajetória foi marcada por outros elementos que eu não valorizava tanto quanto eu passei a valorizar agora.

Eu fui criada por uma mãe, que era irmã de mais quatro mulheres negras. A minha avó, uma mulher preta, professora, teve cinco filhas mulheres no interior do Paraná. Cinco mulheres pretas como eu. Se divorciou. Então, era uma mulher preta, divorciada, professora, com cinco mulheres pretas em casa e do Candomblé. Minha avó morava no interior do Paraná, numa cidadezinha. Primeiro morou em Umuarama. Depois que se separou, foi reconstruir sua vida na cidade de Assis Chateaubriand, uma cidadezinha bem pequenininha do interior do Paraná.

Eu cresci no meio dessas mulheres. Minha mãe era a filha mais nova, mas se casou cedo. Ela se casou, aos 20 anos com meu pai e foram morar em Curitiba, pois ele era de lá. Então, eu morava em Curitiba, mas todas as minhas férias, os meus finais de semana, os períodos de feriado, a gente ia para a casa da minha avó. Então, eu cresci no meio dessa casa com tantas mulheres. Na casa da minha avó eram cinco mulheres, seis com a minha mãe. E eu cresci admirando essas mulheres. As minhas tias eram pessoas extremamente artísticas e trabalhavam no teatro na cidade, faziam teatro - por conta! Da cabeça delas, não era nada. Elas gostavam. Então elas faziam teatro, faziam desfile de moda na cidade, faziam festa, festival e eram muito conhecidas por isso. Então, eu percebi o quanto eu cresci já admirando demais mulheres negras. Eu achava minhas tias lindas e de fato elas eram. Uma das minhas tias foi modelo, a outra foi atriz.

Mas tudo isso, tudo com muita dificuldade... com todas as ressalvas e desafios do que é ser preto. Porque nenhuma ficou famosa, nenhuma ficou milionária. Os nossos limites. Mas esse lugar de crescer com mulheres pretas, de crescer admirando mulheres pretas, me deu uma consciência muito diferente, assim. E eu lembro que teve uma época que a minha mãe... eu gostava muito de brincar, de ver, sempre foi muito piadona, assim... E um dia a minha mãe me deu uma Barbie. Ela não tinha a consciência que tem hoje e me deu uma Barbie. Eu lembro que eu olhei pra aquela Barbie, eu tinha uns seis anos. E era a Barbie que todo mundo queria. Todas as minhas amigas queriam, todas as minhas primas queriam aquela Barbie. Aí, quando a gente estava no interior do Paraná, meu pai e minha mãe conseguiram ir pro Paraguai e trazer aquela Barbie. E foi uma decepção para a minha mãe porque eu detestei a Barbie.

E eu fiquei lembrando dessa história... eu detestei a Barbie, eu olhei para aquela boneca e falei: o quê que eu vou fazer com essa boneca?... Aquela coisa branca, aquele cabelo plástico, liso, loiro? Eu lembro que, no mesmo dia, eu cortei todinho o cabelo da Barbie e pintei de azul porque minhas tias também tinham disso: elas faziam tudo no cabelo delas, sempre assumiram os cabelos, se inspiravam muito em atrizes

norte-americanas, então mexiam em tudo... o salão era na nossa casa. E aí eu cortei tudinho o cabelo da Barbie, pintei de azul, com tinta de caneta. E, depois, por muito tempo, fiquei lembrando dessa história. Eu fiquei pensando: gente, mas por que eu fiz isso com aquela Barbie? Minha mãe ficou tão decepcionada... minha mãe ficou decepcionada achando que eu não queria brincar com boneca, que essa menina é muito piá e não sei o que lá. Mas, hoje, eu sei que essa história fala de uma menina preta. Preta, pretinha, de cabelo 4C, que não se identificou nem um pouco com aquilo. Muito mais porque eu fui criada com cinco mulheres negras (seis, com a minha avó) incríveis. Então, isso já me deu muita referência.

Minha família buscou muito me dar esse pertencimento, essa identidade. Tive acesso a essa identidade de uma forma muito forte. A valorização da nossa identidade esteve muito presente na minha casa, na minha família. Mas, quando a gente sai do contexto da casa, acaba a doçura. Quando eu cheguei na escola... foi aquela destruição... A escola me destruiu mesmo. Literalmente. A escola acabou comigo. Eu era uma criança muito feliz, uma criança alegre, agitada e inteligente. Imagina: mãe professora, avó professora. Eu sabia muita coisa, antes de entrar na escola. Quando eu cheguei na escola, eu já sabia muita coisa; fazia muita coisa em casa. Mas a violência racista na escola foi me tirando o brilho de viver. Com 14 anos, eu era uma menina profundamente depressiva.

Desde muito cedo, já no prézinho, o racismo era presente. Minha mãe me colocou na escola, mas teve que me mudar de escola muitas vezes. Como meu pai era motorista no Tribunal de Justiça, ele tinha alguma segurança de servidor público e tinha direito ao uso do convênio com escolinhas particulares. Mas ele era um motorista e, portanto, pobre. Então, eles me colocavam nessas escolinhas particulares. Era sempre um caos. Na primeira escola que eu fui, minha mãe teve que me tirar porque a professora me bateu. Daí, vai lá a minha mãe brigar com a professora. E ela me bateu porque eu era a única criança preta na turma. Nas outras escolas não era muito diferente. Então, fiquei mudando de escola. Porque culpado é quem sofreu a violência. 'Alguma coisa ela deve ter aprontado'. Barraqueira era a minha mãe. Então, ficava mudando de escola... mudando de escola... Quando eu fui ficando mais velha, fui ficando com vergonha e não queria mais que a minha mãe fosse bater boca na escola.

Então eu já nem falava mais nada; já nem reclamava; já nem mais reagia a nenhum tipo de violência e só fui me silenciando e silenciando. Quando cheguei aos 14 anos, eu era uma adolescente, aquela clássica, que não sai de dentro do quarto, que não tem mais vontade para nada. Eu nunca cheguei a um ponto de não gostar de mim. Nunca cheguei num ponto de realmente odiar o meu cabelo, odiar a minha pele. Mas eu acho que não cheguei nesse ponto por causa das mulheres da minha família, que eram, na minha visão, incríveis demais. E eu era parecida com elas. Eu pedia para Deus para eu parecer com as minhas tias, porque eu via nelas muita beleza. Então eu acho que foi por isso que eu não cheguei ao ponto de um auto-ódio profundo. Mas eu acabei experimentando auto-ódio, de outras formas. Algumas formas de autossabotagem.

Quando eu entrei nessa fase de depressão mesmo, e bem juvenzinha, comecei a ver os elementos do auto-ódio que eu tinha comigo mesma. Então, esta é um pouco da minha trajetória... fazer essa reconstrução... e uma trajetória que eu estou

recontando porque eu não tinha pensado, em contar a minha história a partir da história das mulheres que fazem parte também da minha vida. Então, o resgate, para mim, foi justamente o amor, que é o que a bell hooks tanto fala no outro livro que eu li dela, o anterior, 'Tudo Sobre o Amor'. Então, o resgate desse meu buraco profundo foi o amor. O amor me resgatou, porque eu experimentei a depressão muito cedo na minha vida.

CGT- Ouvindo você falar sobre a sua trajetória, sobre esse resgate das suas narrativas pessoais, gostaria de ouvir um pouco sobre sua pesquisa de mestrado por que na sua dissertação de mestrado você ouviu meninas, ouviu adolescentes negras também, não? Queria ouvir um pouco sobre a conexão entre a sua trajetória pessoal e a pesquisadora. Como que essas duas coisas se conectam?

Carol Dartora: Então, aí a vida seguiu, né? Eu falo que o amor foi essa grande chave de transformação na minha vida porque eu recebi na minha casa uma criança preta linda, que é o meu irmão mais novo. Quando eu tinha 14 anos, o Fer chegou. E eu me apaixonei pelo meu irmão, por aquele bebê, totalmente. Eu cuidava dele, eu queria fazer tudo pra ele; ninguém podia se atrever a querer trocar uma fralda do meu irmão: eu que tinha que fazer. Então, assim, surgiu esse amor muito forte na minha vida; eu cuidei muito do meu irmão, eu quase substituí minha mãe. Falei para ela: 'você vai cuidar da sua vida, que eu vou cuidar dessa criança aqui'. E eu troquei minha adolescência por cuidar do meu irmão. Acho que foi uma das melhores fases da minha vida porque eu tinha tempo: estava em casa; era adolescente; detestava ir para a escola; não tinha amigos na escola, não tinha uma rede social. Então, ficar em casa, para mim, era maravilhoso e eu ficava em casa com o meu irmão, cuidando do meu irmão. Então, isso me trouxe alegria novamente; isso me trouxe vontade de viver novamente, de sair de casa, né? E passei a reviver.

E fui traçando minha trajetória, fui estudando. Entendi muito cedo também que eu precisaria estudar muito, que eu precisaria ser muito competente no que eu fizesse. Isso era uma coisa que a minha família inteira sempre também martelou, né? Famílias negras dizem tanto: 'você tem que ser a melhor', que chega a ser cruel conosco. Então fui traçando minha trajetória, entendendo que eu ia ter que fazer tudo muito bem e ser a melhor em tudo. E foi. Mas por mais que minha mãe fosse professora de magistério e minha avó também professora, ninguém da minha família tinha feito um mestrado, ninguém da minha família tinha seguido numa pós-graduação. E é isso que eu vejo agora. Agora que eu estou relendo a bell hooks, e aprendendo a olhar para a história sob outra perspectiva. Por exemplo, olhar para a história da minha avó e ver que todos os amigos da minha avó eram sindicalistas. Minha avó foi sindicalista. Ela fundou, com seus amigos, o núcleo sindical de Assis Chateaubriand. Minha avó foi candidata a vereadora duas vezes na cidade dela. Os amigos dela, as pessoas que estiveram com ela nesse caminho, tiveram trajetórias parecidas com a dela, se tornaram reitores de universidades, se tornaram políticos, dirigentes de entidades, dirigentes sindicais, professores, doutores, pesquisadores - mas a minha avó, não.

Cansei de ver amigos professores da minha avó se sentarem à mesa da nossa casa, com ela. A minha avó também era mãe-de-santo; então, ela já fazia uma consulta, fazia um remédio... Lembro de, muitas vezes, estes professores, amigos, ficarem perguntando: 'olha, eu estou pesquisando isso e aquilo, o que a senhora acha? Que a

senhora acha disso, daquilo?’ Vi isto acontecer muitas vezes. Mas apesar disso, ninguém da minha família fez um mestrado. Eu fui a primeira pessoa da minha família a ir para uma pós-graduação e com muita dificuldade, porque eu não via isso como uma possibilidade, por incrível que pareça. Amando a educação do jeito que eu amo, vindo desse berço, eu não me via, neste caminho. Eu não sabia como, que caminhos tomar.

Eu tive, a minha graduação muito focada em conseguir sobreviver. Focada em trabalhar para sobreviver. Então eu só foquei em conseguir terminar logo aquele curso. E trabalhando muito também e com todas as outras questões de ser uma mulher negra. Então, quando eu terminei a graduação, não foi automático ir para o mestrado. Isso não me ocorria. Mas eu tinha vontade, eu tinha o desejo. Então eu saí do Brasil porque terminei a faculdade. Tinha vontade de viajar, conhecer as coisas, tinha vontade de estudar. Me cansei, saí do Brasil, fui morar fora do Brasil. Então as questões raciais bateram muito mais forte em mim porque eu senti o racismo de uma forma diferente. Eu consegui perceber o quanto, de fato, o racismo, no Brasil, o racismo em Curitiba, é muito pesado mesmo. Percebi que em outros lugares, o racismo era diferente. Claro que o racismo continuava existindo, mas de outras formas, era mais leve.

E isso me fez ver várias coisas. Fiquei dois anos fora, morei na Itália e na Bélgica. Quando eu voltei, voltei falando: ‘eu vou fazer e acontecer, eu vou dar um jeito, vou procurar os caminhos que forem necessários. Eu vou fazer as denúncias que forem necessárias sobre o que é nossa vivência aqui’. Voltei não suportando Curitiba, voltei chorando pra Curitiba. Foi um trauma ter que voltar para esta cidade. Então eu encontrei o programa de incentivo a pessoas negras na pós-graduação, da UFPR (Pré-Pós). Vi um anúncio de oferta do Pré-Pós que dizia: ‘Se você negro, pensa em tentar um mestrado ou um doutorado, venha fazer esse curso. A gente ajuda a construir o projeto e tal’. Aí, fui fazer parte desse programa, que foi muito importante para mim. Sem o programa, eu não teria feito um mestrado; com certeza, não.

E, ao mesmo tempo, comecei a dar aula. Eu tinha ficado um tempo fora da escola, já estava adulta. Pensei: ‘a Lei 10.639 já tinha sido aprovada, então a escola já deve ser outro universo. A escola deve ser um lugar incrível agora. O racismo já deve ter sido superado, pelo amor de Deus. Ainda mais que eu cheguei, peguei os livros didáticos disponíveis para minha disciplina: incríveis, com contribuições incríveis... A História Negra. Ali, eu falei: nossa, que tudo!!! A 10.639 mudou mesmo a escola para melhor!!!’ Mas, quando eu cheguei e vi o cotidiano da escola mesmo, vi que não tinha mudado nada! Era barbárie com barbárie; racismo com racismo. E, aí, para completar, eu tinha uma aluninha de uns 12 anos, preta. E eu, dando aula nessas escolas do centro de Curitiba. Tudo gente branca. Essa minha aluninha era a única preta da minha turma. Era um inferno a vida dessa menina dentro da escola que eu trabalhava. Tinha outros professores negros nessa escola! E era uma luta só nossa garantir que aquela menina tivesse paz dentro da escola!

Então, aquela mesma história que eu vivi como criança, com a minha mãe, fiquei vendo se repetir. Os outros alunos não deixando a guria estudar, xingando, xingando o cabelo dela. Era tão absurdo que eles implicavam com ela, mesmo eu estando em sala! Uma professora preta dando aula e eles atormentando uma criança preta ali, em sala!

Então eu pensei: não, não tem mais lógica isso. Isso tem que ser estudado. Isso tem que ser estudado porque como que a gente avançou tudo que avançou, e na escola nada muda? A nossa luta, a nossa história. Na época, um governo progressista, o governo era do PT. E essa situação na escola ainda daquele jeito. Falou muito diretamente comigo, porque eu me via, todos os dias, na vida daquela menina, todo santo dia. Éramos três professores pretos na escola e nós íamos até a coordenação pedagógica pedindo que tomassem providências sobre a situação. E foi então que chegou no auge: uma pedagoga chamou a mãe da menina no colégio e falou: ‘olha, melhor você arrumar outra escola para sua filha’.

Então, eu pensei: ‘nossa, um corpo pedagógico que não sabe lidar com racismo e que culpabiliza a vítima pela violência que ela está sofrendo! Como assim? Isso não pode mais acontecer! Isso precisa ser estudado’. Vi minha história ali e resolvi levar isso para o mestrado. Então, comecei esse curso no Pré-Pós. Comecei ainda sem ter ideia do que eu ia pesquisar. Eu não sabia. Eu sabia que queria pesquisar relações étnico-raciais, mas eu não sabia qual era o meu objeto de pesquisa, que normalmente é o drama do pesquisador. Mas o objeto, na verdade, ele sempre está aqui no coração. Mas eu não tinha coragem. Eu não achava que isso era uma coisa que pudesse ser pesquisada. Eu não imaginava que adolescentes negras da escola pública poderiam ser um objeto de pesquisa.

Aos poucos, muito timidamente, fui falando com alguns professores, com algumas pessoas. Tiveram algumas pessoas determinantes, importantíssimas para mim, com as quais eu compartilhei minhas ideias, muito timidamente. Falei: ‘olha, eu acho que quero pesquisar as adolescentes negras; eu quero pesquisar o cotidiano das adolescentes negras nas escolas públicas’. E, aí, as portas foram se abrindo. Teve essa pessoa determinante. Falou: ‘claro que isso é um objeto de pesquisa. Vou te apresentar professores que pesquisam adolescência, que pesquisam educação e tal’. E assim foi. E assim eu fui. Fui, fiz meu mestrado com esse objeto, relacionando à minha grande pergunta: ‘como pode a gente já ter aprovado a Lei 10.639, na época há 13 anos, e a escola ainda estar do mesmo jeito’? Era para que ela fizesse efeito no chão da escola. Então, essa foi a minha pesquisa: essa relação da lei, como ela estava agindo no interior das escolas. Eu queria saber como era o cotidiano dessas adolescentes dentro das escolas de Curitiba. Foi uma pesquisa que me deu muito orgulho: foi uma pesquisa que foi um divisor de águas na minha vida porque, para além de encontrar muitas histórias semelhantes à minha, eu fui apresentada ao universo do feminismo negro. Fui orientada por uma professora branca. Antirracista, mas a gente sabe todos os limites que existem. Eu era a única pessoa preta da minha turma de mestrado, na minha linha de pesquisa. Então, eu lembro que, um dia, eu cheguei para minha orientadora e falei: ‘ah, isso que aconteceu, ó, isso aqui que ‘está nesse relato, nessa entrevista, isso aqui é racismo!’’. E eu lembro que ela falou para mim: ‘não, não. isso não é racismo. Isso... é claro que tem algumas situações que são violentas, mas a gente não pode chamar isso de racismo porque’... E eu lembro que ela disse a seguinte frase: ‘porque a gente sabe que existe uma cordialidade na sociedade brasileira’. (risos)... Mas foi muito importante para mim porque ela também viu os limites dela e ela falou: ‘olha, vai fazer uma disciplina lá no NEAB (Núcleo de Estudos Afro Brasileiros). Vai fazer lá uma disciplina com o Professor Paulo Vinícius³. Isso me abriu o universo do Feminismo Negro. Eu estava pesquisando o cotidiano das adolescentes negras e eu estava embasando totalmente a minha pesquisa em

François Dubet que chama esses dois marcadores: ‘mulher’ e ‘negra’... de desigualdade multiplicada. Eu também estava usando o Bourdieu.

Até que eu conheci Sueli Carneiro e isso também foi uma virada de chave. Foi quando eu entendi realmente: ‘não, isso não é apenas uma desigualdade multiplicada; isso são as questões de interseccionalidade’. Então, conheci o feminismo negro. Terminei meu mestrado em 2017 e tinha sido apresentada ao feminismo negro em 2016. Eu não conhecia, não tinha estudado, não tinha lido, não tinha tido acesso a Lélia Gonzalez, a Sueli Carneiro, a Audre Lorde, a Angela Davis... Foi quando conheci essas mulheres que a pesquisa fluiu, aconteceu. É engraçado porque foi muito importante também eu ter me inserido nesse universo da pesquisa negra, do NEAB da UFPR, porque eu conheci, por exemplo, pessoas como a Professora Nilma⁴, que me mostrou que a pesquisa podia ser militante, diferente do que eu ouvia da maioria dos professores. Ela me disse: ‘claro que a gente pode ser militante; se uma pesquisa não servir para gente mudar, se uma pesquisa, se um conhecimento que a gente produz sobre o mundo não servir para gente transformar o que não está bom, transformar isso, então para que a gente pesquisa? Então, é claro que a gente é militante, sim. Claro que uma pesquisa pode ser militante’. Foram falas que foram muito importantes para mim. Foi isso que me encaminhou para minha trajetória política, porque eu fui vendo e aprendendo várias questões das trajetórias de mulheres negras, especialmente no ambiente escolar. Então comecei a militar mesmo. Me tornei uma feminista, ativista. Eu já era, de certa forma, mas não tinha o mesmo olhar. Eu já estava atuando no sindicato como professora, já atuava no movimento de mulheres como mulher; já atuava no movimento negro, mas não militava nesse lugar de mulher preta.

CGT- Você poderia falar um pouco sobre como sua pesquisa de mestrado impulsionou sua atuação na política partidária?

Carol Dartora: Foi uma pesquisa muito engajada. Eu já atuava em várias frentes, já vivia um forte ativismo. Circulava muito, no movimento de mulheres, no movimento feminista da cidade, tinha uma trajetória do sindicato e na luta pela educação no Paraná, que é muito dura. Estava engajada na luta pela educação pública de qualidade. Fiz parte do sindicato dos professores do Paraná (APP Sindicato), fui da direção do sindicato. Mas ainda assim, eu não visualizava uma atuação minha na política institucional, na política partidária.

Teve também muita influência da minha família. Venho de uma família de militantes. Militantes do movimento negro. Militantes do Partido dos Trabalhadores (PT). Meu avô, que era um homem negro gigante, falava: ‘nós somos trabalhadores, então temos que votar em trabalhadores. Quem vai representar a gente?’ Então esta herança política familiar me apresentou o partido. Mas, com o tempo e a militância dentro do partido, comecei a perceber a inviabilidade negra dentro da política e dentro do Partido dos Trabalhadores. Eu me espelhava em Benedita da Silva⁵. Pesquisei sobre ela. Fiz trabalhos sobre ela. Depois eu comecei a mergulhar no feminismo negro. Conheci os textos de Abdias do Nascimento e vi o engajamento político dele. Entendi que nossa questão da luta racial é política. É política e econômica. Então eu fui pesquisando e percebendo esta invisibilidade negra na política institucional e na representação política.

Um dia, fui convidada a dar uma aula no curso de Política para Mulheres, na UFPR. Me pediram para organizar uma aula sobre ‘História das Mulheres na Política Brasileira’. Então fui pesquisar e preparar esta aula. Ao longo da aula procurei localizar as mulheres brancas e pretas na política, mostrando a invisibilidade e falta de representação da mulher negra, as barreiras e desafios enfrentados. Eu lembro que quando terminei de falar, pairou um silêncio, até que uma aluna perguntou: ‘você falou das barreiras enfrentadas pela mulher negra na política, mas quantas vezes você já se candidatou?’ Lembro que no próprio movimento negro, várias pessoas já me falavam que eu deveria me candidatar. Ficava aquela pulguinha atrás da orelha. Mas foi naquela aula, com aquela pergunta, que a chave mudou. Percebi que eu falava tanto da importância da participação política, da representação... várias ações e atividades foram se somando, até que eu coloquei para o meu grupo político que queria sair candidata a vereadora de Curitiba. E a ideia foi aceita. Assim, após a campanha e muita militância coletiva, fui a terceira vereadora mais votada da cidade e a primeira mulher negra a compor a Câmara de Curitiba como vereadora.

CGT- Como nosso programa de pós-graduação tem como principais categoria, Tecnologia e Sociedade e como iniciou o doutorado no programa, tendo suspenso somente devido à sua eleição à Deputada Federal, gostaria de ouvir um pouco suas reflexões sobre a relação entre tecnologia e racismo. Especialmente porque você foi autora de um projeto de lei que trata da questão do reconhecimento facial por câmeras.

Carlo Dartora: Quando iniciei o doutorado no PPGTE, já nas primeiras discussões, nas primeiras disciplinas, eu consegui visualizar essa discussão entre tecnologia e racismo, entre uma tecnologia que é criada por pessoas, para pessoas, para servir pessoas de determinada sociedade. Esta compreensão de tecnologia já ficou muito forte para mim, desde as primeiras leituras. Entendo que precisamos de mentes pensantes para produzir uma tecnologia com a nossa cara, que nos sirva. Não precisamos ficar importando tecnologia de outros países, países que não se parecem conosco, que só possuem interesses econômicos, que querem manter as coisas como estão, manter nossa desigualdade. Acredito que a tecnologia pode nos beneficiar. Mas qual tecnologia? Feita por quem? Para quem? Para quê? Fui percebendo que as escolhas tecnológicas são escolhas políticas, são decisões políticas.

Por exemplo, no estado do Paraná, já são mais de 400 escolas que utilizam a tecnologia de reconhecimento facial por câmeras. Uma tecnologia que possui um viés racista, uma vez que ela possui alto índice de erros quando se trata de rostos negros, pessoas negras, pessoas trans, crianças. Por essa razão, muitos países já aboliram o uso desta tecnologia. Países mais desenvolvidos, de primeiro mundo, aboliram esta tecnologia. Enquanto no Paraná ela está sendo difundida, vendida, divulgada como uma tecnologia para solucionar problemas educacionais nas escolas.

Outra coisa que aprendi no PPGTE foi que a tecnologia não resolve nossos problemas sociais. Ela pode nos auxiliar, se nós quisermos que ela faça isso. Mas não é uma tecnologia, sozinha, que vai surgir e resolver nossos problemas sociais. Então é preciso estar atento ao uso das tecnologias. Em Curitiba, por exemplo, nós propusemos um PL, que está tramitando, e espero que seja aprovado, para o banimento do uso da tecnologia de reconhecimento facial, inclusive porque em Curitiba, ela está sendo utilizada para fins de segurança pública. Isso mostra a

necessidade de uma ampla discussão sobre a relação entre racismo e segurança pública.

CGT- Para encerrar, eu gostaria, mais uma vez, de agradecer imensamente a generosidade e força desta entrevista tão rica e perguntar se você gostaria de deixar uma última mensagem.

Carol Dartora: Quero primeiro agradecer o convite e a oportunidade da entrevista. Foi uma grande alegria. Como mensagem de encerramento, quero falar sobre a importância do amor. A importâncias de sermos mais solidárias umas com as outras, de nos elogiarmos, nos apoiarmos. A realidade já é tão difícil, especialmente para as mulheres pretas. E nós nos cobramos demais. Cobramos demais de nós mesmas e umas das outras. Então eu acho que este é um aprendizado que precisamos ter, que o movimento negro precisa ter, de nos amarmos e apoiarmos mais. Amar mais aos nossos.

NOTAS

- 1- Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, Mestra em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná, Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná. Realiza pesquisas nas áreas de Sociologia, Tecnologia, Relações Raciais e Branquitude Crítica.
- 2- Dra. Andréa Maila Voss Kominek, Professora Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, Doutora em Sociologia pela Universidad de Salamanca - Espanha, Mestra em Tecnologia pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná. Realiza pesquisas nas áreas de Filosofia, Sociologia, Tecnologia, Gênero, Relações Raciais, Políticas Afirmativas e Branquitude Crítica.
- 3- Dr. Paulo Vinicius Baptista da Silva, professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, possui Pós-Doutorado em Análise Crítica do Discurso na Universidade Pompeu Fabra, Doutorado em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Paraná, Bacharelado e Licenciatura em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná. Atua, desde 2017, como Superintendente de Inclusão, Políticas Afirmativas e Diversidade (SIPAD-UFPR).
- 4- Nilma Lino Gomes, professora Titular Emérita da Faculdade de Educação da UFMG, Pós-doutora em Sociologia (Univ. Coimbra) e em Educação (UFSCAR), Doutora em Antropologia Social (USP), Mestra Educação (UFMG), Graduada em Pedagogia (UFMG). Foi reitora Pró-Tempore da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB (2013-2014). Foi Ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial -SEPPPIR - (2015) e

do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos (2015-2016) do governo da presidenta Dilma Rousseff.

- 5- Benedita da Silva nasceu no Rio de Janeiro em 1942), servidora pública, professora, auxiliar de enfermagem, assistente social e política brasileira filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT), política do Movimento Negro e feminista. Primeira senadora negra do Brasil, foi a 59ª governadora do Rio de Janeiro e atualmente é deputada federal (2023-2026).
- 6- Abdias Nascimento (1914-2011), poeta, escritor, dramaturgo, artista visual e ativista pan-africanista, fundou o Teatro Experimental do Negro e o projeto Museu de Arte Negra, Professor Emérito da Universidade do Estado de Nova York, foi deputado federal, senador da República e secretário do governo do Estado do Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS

hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2020.

Recebido: 27/06/2023

Aprovado: 15/07/2023

DOI: 10.3895/cgt.v16n47.17180

Como citar: SILVA, Andressa Ignácio da; KOMINEK, Andrea Maila Voss . Uma trajetória de amor e luta: Carol Dartora fala aos Cadernos de Gênero e Tecnologia. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 16, n. 47, p. 5-14, jan./jul. 2023. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

